



A ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA ALÉM DA AUTONOMIA DO IR E VIR DAS PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA E COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Izabeli Sales Matos ¹
Lúcia Helena Brandão Paiva ²
Ruth da Silva Lima ³
Danilo Pereira Cavalcante ⁴

INTRODUÇÃO

A visão é um importante sentido de distância que nos permite perceber e interpretar informações sobre o ambiente, além do nosso alcance físico imediato. Este sentido favorece a compreensão espacial, a orientação e a localização de objetos e indivíduos no ambiente, possibilitando a interação com o meio. Assim, a pessoa com deficiência visual, por apresentar déficits ou perdas visuais, pode também, manifestar dificuldades em relação à locomoção de forma independente, em virtude da referida perda.

No que tange à pessoa com surdocegueira, essa se caracteriza por apresentar perdas auditiva e visual, de forma concomitante. De acordo com CADER-NASCIMENTO e COSTA (2005, p. 18) “A surdocegueira é um comprometimento em diferentes graus, dos sentidos receptores à distância (audição e visão)”. A combinação da intensidade das perdas sensoriais influencia consideravelmente, no modo como essa pessoa interage com o outro, com o meio e apreende os significados de si e do mundo. Vale ressaltar que também a época de aquisição da deficiência vai influenciar significativamente nos referidos aspectos.

A surdocegueira não só tem impacto direto e significativo na interação do indivíduo com o ambiente e com o outro, mas também ocasiona déficits graves na mobilidade e o acesso à informação. A privação de dois importantes sentidos distais, a visão e a audição, dificulta tanto a assimilação, como a acomodação de informações e conceitos importantes para sua compreensão de mundo, tendo como consequências severas implicações no desenvolvimento da linguagem e da comunicação.

Já em relação aos prejuízos na mobilidade, dado o déficit na orientação espacial, há um impacto expressivo na percepção de obstáculos, nos possíveis perigos e mudanças no ambiente, sendo quase sempre necessário o uso de guias e/ou tecnologias assistivas como bengalas.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, izabelimts@gmail.com;

²Especialista em Educação Especial da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, luhelenapaiva@hotmail.com;

³ Especialista em Educação Inclusiva e Práticas Pedagógicas em AEE pela Faculdade do Maciço de Baturité - FMB, ruthslima@yahoo.com.br;

⁴Mestrando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará - UFC, danielopc1604@gmail.com;



Nessa perspectiva, Mendonça (2018) refere que apesar das dificuldades no âmbito da mobilidade da pessoa com deficiência visual, esta demonstra segurança e autonomia ao desenvolver conhecimento das técnicas de Orientação e Mobilidade (OM). Aditamos que a OM compreende uma tecnologia assistiva que possibilita o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual ou com surdocegueira, sendo uma mediadora no processo de aprendizagem e interação com o meio, a fim de que possa obter o máximo de autoconfiança e autonomia na mobilidade e locomoção.

Diante dessas ponderações e de nossas práticas docentes, fomos impulsionados a refletir sobre a possível contribuição da Orientação e Mobilidade (OM) como estímulo ao desenvolvimento da linguagem e comunicação da pessoa com surdocegueira.

Baseados nesse ideário e com o propósito de elucidar a importância da Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual e com surdocegueira, o presente relato tem como objetivo descrever nossa experiência, enquanto docentes, no Atendimento Educacional Especializado (AEE), desenvolvida para educandos com deficiência visual e surdocegueira.

Assim, como forma de atender aos objetivos propostos, optamos por realizar um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, sobre a prática docente no AEE, junto a discentes com deficiência visual e surdocegueira.

Tendo em vista a nossa prática, evidenciamos que a OM desenvolvida na perspectiva da funcionalidade e por meio de metodologias ativas, favorecem satisfatoriamente o desenvolvimento de pessoas com deficiência visual e surdocegueira, indo além da independência na locomoção. As estratégias adotadas nesse atendimento foram importantes para o desenvolvimento da linguagem e comunicação do público alvo em questão, possibilitando seu empoderamento e inclusão socio educacional.

METODOLOGIA

Tendo como premissa a socialização de nossas experiências, enquanto docentes, adotamos um estudo qualitativo, descritivo e reflexivo, correlacionando saberes docentes teóricos e práticos. Tais vivências foram desenvolvidas pelas autoras professoras e um guia-intérprete, no Centro de Atendimento Educacional Especializado do Ceará (CREAECE), localizado em Fortaleza – CE, tendo como contexto os atendimentos de duas alunas – uma com surdocegueira e a outra com deficiência visual – em OM e Braille.

Os atendimentos em AEE eram ministrados a partir de um tema gerador, escolhido em consonância com as alunas. Estes constavam de três etapas distintas: 1. Vivência prática no

ambiente referente ao tema escolhido; 2. Diálogo, escrita e leitura referente à vivência realizada e; 3. Atividades domiciliares (diálogo, escrita e leitura, com o suporte de familiares).

A análise do estudo foi realizada com base em quatro (4) categorias geradas à partir das referidas etapas dos atendimentos. A primeira, (a) escolha do tema; a segunda, (b) vivências práticas; a terceira categoria versou sobre a (c) diálogo e produção escrita e, finalmente, a quarta, (d) atividades em domicílio.

A referida categorização aliada às discussões teóricas do estudo e às reflexões acerca das vivências práticas, subsidiou a análise dos dados e a atribuição de significação destes, favorecendo à reflexão e encaminhamentos para as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Orientação e Mobilidade envolve o conjunto de conhecimentos, técnicas e estratégias que possibilitam que indivíduos com deficiência visual e surdocegueira se orientem no espaço e se locomovam de modo seguro e independente, considerando as características de cada um. Para Weishaln (1990), trata-se da ciência que estuda o processo de utilização dos sentidos remanescentes para a orientação do corpo no espaço relacionando-o com outras pessoas e objetos significativos no ambiente. Da mesma forma, Felipe (2018, p. 8), ressalta a relevância dos sentidos remanescentes ao afirmar que

a Orientação para a pessoa com deficiência visual é o aprendizado no uso dos sentidos para obter informações do ambiente. Saber onde está, para onde quer ir e como fazer para chegar ao lugar desejado. A pessoa pode usar a audição, o tato, a cinestesia (percepção dos seus movimentos), o olfato e a visão residual (quando tem baixa visão) para se orientar.

Diante do exposto, observamos a relevância dos sentidos para a Orientação e Mobilidade (OM), o que ratifica os desafios que envolvem essa prática junto a pessoas com surdocegueira, considerando o déficit no uso das pistas sensoriais tradicionais (visão e audição) usadas na locomoção.

Nesse sentido, o professor necessita compreender as especificidades e as heterogeneidades de cada aluno, além da deficiência que apresentam, ou seja, deve analisar sua história de vida, seu estilo de aprendizagem, seus interesses, suas habilidades, suas competências e suas dificuldades (POKER *et al.*, 2013). De posse dessas informações, o educador deve ajustar técnicas e abordagens de OM, que possam auxiliar no desenvolvimento e segurança de pessoas com surdocegueira e deficiência visual.



Com efeito, a diversidade é um tema complexo e abrangente, envolvendo a quebra de paradigmas, ações afirmativas e de equidade (PERRENOUD, 2001; SASSAKI, 1997; MATOS, 2012). O uso de estratégias adaptadas, atividades significativas e contextualizadas, de acordo com as necessidades e desejos do aluno nas aulas de OM, podem favorecer ao desenvolvimento do discente para além do ir e vir.

Dentro do contexto da surdocegueira, vivências e oportunidades de interação tátil com o ambiente e com outras pessoas proporcionam a ampliação do repertório de vocabulário, o aperfeiçoamento da compreensão do espaço e das ações, além de proporcionar uma comunicação mais efetiva. Desta forma, entende-se a OM como um facilitador poderoso no desenvolvimento linguístico de pessoas surdocegas.

Além disso, o trabalho conjunto entre profissionais de áreas distintas, como por exemplo, o professor de Braille, o professor de OM e o tradutor guia-interprete, pode resultar em uma abordagem transdisciplinar. Nesse contexto, habilidades distintas e complementares, como a linguagem, a comunicação e a locomoção, podem alcançar um desenvolvimento satisfatório, desde que o contexto forneça suporte de crescimento linguístico, de autonomia e de segurança às pessoas com deficiência visual e surdocegueira.

Nessa perspectiva, Freire (2001) discorre acerca da importância da participação e do engajamento dos educandos, numa experiência criativa em torno da contextualização e compreensão do que vai ser estudado. Corroborando esse pensamento, utilizamos metodologias ativas, estratégias que buscam incentivar a aprendizagem de forma autônoma e participativa, nas quais o aluno passa a ser protagonista do processo, atuando ativamente na escolha dos temas e vivências possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise utilizamos (4) categorias geradas à partir das etapas dos atendimentos. A primeira, (a) **escolha do tema**, foi realizada com base nos desejos e necessidades das alunas, no nível de desenvolvimento da linguagem e no contexto em que as educandas viviam, além de terem sido respeitadas suas formas de comunicação e o conhecimento ou não, da língua brasileira de sinais. Importa referir, a participação ativa das alunas nesse processo, opinando e relatando acerca do contexto em que vivem.

A segunda, (b) **vivências práticas** no ambiente referente ao tema selecionado, favoreceram ao conhecimento de novos espaços, nos quais foi possível a locomoção com uso das técnicas e estratégias de OM, explorando, conhecendo e reconhecendo aspectos gerais e



conceituais do meio e de pessoas que ali estavam. Ademais, foram estabelecidos diálogos durante a prática contemplando novos vocabulários e os já conhecidos pelas educandas. Essas experiências foram essenciais para promover uma participação mais efetiva no ambiente, considerando a interação e percepção do meio através do uso da bengala, do próprio corpo e da comunicação com outras pessoas.

A terceira categoria, (c) **produção escrita**, de volta ao equipamento educacional, retomamos o diálogo e iniciamos escrita em Braille sobre o tema e o que foi experienciado, de acordo com o nível de escrita e comunicação das educandas. Nessa etapa, estimulamos a produção de textos em Braille e a aquisição de novos sinais de LIBRAS. Identificamos que a aluna cega demonstrou interesse na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

E, por fim, a quarta, (d) **atividades em domicílio**, possibilitou relatar sobre a vivência com a mãe ou familiares, mostrando, também suas habilidades com o uso da bengala, afora de produzir a escrita em Braille. Essa etapa favoreceu a aprendizagem da leitura e escrita em Braille, na medida em que as educandas retomavam a produção anterior.

No atendimento subsequente, nova vivência prática era realizada, no mesmo espaço ou em outro meio que contemplasse o mesmo tema. De acordo com a aprendizagem dos vocabulários, outras palavras e sinais foram acrescentados, favorecendo assim, ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem da pessoa com surdocegueira e também da pessoa cega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência apresentado acerca da nossa experiência, enquanto docentes, evidencia a importância da Orientação e Mobilidade (OM) para pessoas com deficiência visual e surdocegueira. A OM possibilita o desenvolvimento do indivíduo, através de metodologias ativas e com ênfase na perspectiva da funcionalidade. Esta tecnologia assistiva promove condições de aprendizagem e comunicação com o meio, favorecendo à aquisição da autoconfiança e autonomia na mobilidade e locomoção, possibilitando o seu empoderamento e inclusão sócio educacional.

Verificamos que a prática da OM vai além da autonomia do ir e vir, à medida em que os discentes ampliam suas vivências espaciais e potenciais comunicativos, favorecendo ao desenvolvimento da linguagem e à inclusão socio educacional.

Palavras chave: Orientação e Mobilidade; Deficiência visual; Surdocegueira; Atendimento Educacional Especializado.



REFERÊNCIAS

- CADER-NASCIMENTO, Fátima Ali. A. Abdel; COSTA, M. da Piedade Resende. *Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- FELIPPE, João Álvaro de Moraes. *Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade: volume IV*. São Paulo: Conselho Brasileiro de Oftalmologia: Laramara, 2018. (Série Deficiência Visual).
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, p. 259-268, 2001.2001.
- MATOS, I. S. Formação continuada dos professores do AEE: saberes e práticas pedagógicas para a inclusão e permanência de alunos com surdocegueira na escola. 2012. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.
- MENDONÇA, Artur José Braga de. **Formação em Orientação e Mobilidade para o atendimento do aluno com deficiência visual**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 15., 2017, Recife. Anais... Recife, 2017. p. 1-9.
- POKER, R. B. et al. Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado. Marília: Oficina Universitária, 2013.
- PERRENOUD, P. A pedagogia na Escola das Diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- WEISHALN, R. *Orientation and mobility in the blind children*. New York: Englewood Cliffs, 1990.